

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARIO : — Tarefa dos séculos. — Romance. O testamento do Sr. Chauvelin. — O retrato. — Capítulo dos milagres (contos da meia noite). — O espírito dos animais. — Os inutéis. — A dama dos cravos vermelhos. — Revista dos theatros. — Poesias. O Desengano, Enredo, O Poeta. — Chronica elegante.

Tarefa dos séculos.

A revolução é inherent à humanidade. Se ella attingiu ao estado actual de progresso, é o resultado de uma operação gradual, cujos marcos são assinalados, por um terremoto, um salto, uma revolução. — Não se riam os retrogrados ; será tirir da propria cegueira. Não me incumbo de lhes dizer, antes outros o tem repetido, e eu de boa vontade me faço aqui um eco.

Uma revolução deu nova fisionomia á massa primitiva das sociedades. Foi a primeira transformação. Todos os Genesis fallam de um diluvio : invasão de águas. Será um symbolo ? Essa invasão de águas bem pode ser uma invasão de idéas. A arca que o novo mar veio sustentar como um fragmento do mundo antigo, não é talvez, uma reliquia de tradições das verdades decahidas ?

As lendas são descórdadas de verdade. As imagens eram tão frequentes nos primeiros espíritos, que o facto muitas vezes se envolve naquelle nevoeiro de phantasias. Os primeiros livros da humanidade estão enfeitados ; a história primitiva é uma ode ; a realidade transparece dubia através de estrophes.

São poesia estas palavras. La vem a sciencia com o mastodonte em mão protestar uma passagem de águas. Fóra com o lyrismo ! o espírito quer observação, quer terra para pousar ; e as invans não tem solidez.

Alio lá ! esse mesmo espírito tem apprendido que uma utopia é sempre a crysalida de uma

verdade ; são verdades precoces, disse a primeira cabeça do século.

E' assim.

Utopia ou não, houve de certo uma primeira revolução para o espírito humano. Foi sem dúvida destinada a mudar a face primitiva da humanidade nascente, e faze-la entrar em uma outra formula de existencia.

Não preciso aqui épocas, lembro o facto ; o facto, porque não podia deixar de haver uma revolução antes de tudo. Dez suppõe um.

Essa foi a primeira palavra da humanidade. Depois a phrase; depois um grupo de phrases, a oração; depois um grupo de orações, o periodo; depois um grupo de periodos, a pagina.

O livro não está longe.

Quaes as vantagens desta longa evolução dos povos ? de todo este caminhar laborioso da humanidade ?

Tres são : a religiosa, a social, e a philosophica. Esses tres principios sobre que repousa a razão humana, fundem-se com as revoluções, transformam-se no labor dos séculos ; e a razão em busca de verdades, toma sempre um conhecimento novo no fim de cada um desses períodos de abalo.

O problema religioso, teve já uma solução final ? Parece que não. O espírito humano tem ainda sede de convicções, e o altar não parece faltar-o de verdades.

Entretanto o que é incontestável é que o Céo se rarefaz, e a alma, como Icaro, com azas que não de cera, já sobe para além do sol.

A moral evangelica, pregada no meio dos desvarios da raça humana, tendia á fusão das classes, ao ampliamento das faculdades civicas do homem ; estabelecia, de longe ainda, a ideia da regeneração social ; e condenava de face a autocracia romana, civilisação de ferro que fechava no círculo de sua força todos os respiadouros aos outros povos.

Era uma revolução.

Mas ainda assim não satisfazia à alma humana; alguma cousa ficava ainda no *statu quo*; era ainda a fé, a fé cega que se levantava sobre todos os movimentos da humanidade, a fé, que fazia a apoteose do sacrifício, e que canonizava os suicídios lentos da sombra em proveito do santuário.

Chegou o Vaticano, erguido sobre as tradições do Golgotha. O Vaticano quer dizer o abuso; foi o abuso, foi a autocracia religiosa. Era um pecado de forma; mas o dogma não ficava intacto no meio daquelas desvarios. Os espíritos analysando o exterior tinham de descer ao fundo; desceram.

Um novo calvário levantou-se: a fogueira; um novo Christo: João Huss.

O Vaticano incitava no meio da sua força, recorria à violência para defender-se de arguições mais que justas. Queimou homens em honra da moral que santificava a inviolabilidade humana. Anomalia atroz!

O reformador morreu sem reformar. Um dia, Lutero extranhou o suppicio de Huss, compulsou os sermões do immolado. Desta curiosidade nasceu a reforma.

A revolução completou-se. Lutero queimando a bulha, destruía a autoridade papal, e atacava de frente a opressão do Vaticano.

Desta vez o espírito humano ganhava mais: o exame e a discussão estabelecia-se como duas grandes faculdades da razão. Era um passo.

Há que reformar? Ha. O protesto de Lutero não é ainda completo, e a influencia do catolicismo é ainda fatal. Examinar e ampliar a idéa religiosa de um lado, e do outro despil-a das antigas pés — é o que resta ao espírito moderno.

Mas o que é evidente é que a razão humana em estado de parturição sucessiva, atingiu a um grão já subido de civilisação religiosa. Daqui em diante para os espíritos sãos e livres, o Vaticano não passa de uma tradição, tradição pungente da fogueira e do concílio; um calvário e uma comédia. Mais ainda.

A reforma não é completa, mas é coerente, philosophica, evangélica. Despio a idéa religiosa das formas de então; nem a bulha que regularizava as consciências, nem a canonização que multiplicava o culto, são a face da nova igreja. Cá não se prostituiu o Christo, nem se immolou a liberdade humana; foi o amor dos homens, o direito de discussão, e o culto da verdade philosophica que se levantou como moral. Ha mais evangélio aqui.

Está ou não assinalada a marcha ascendente do progresso religioso? Está tudo revolucionado, trouxe um conhecimento e uma liberdade gozar.

Entendendo o espírito desse artigo... v. p. 202.

tender a uma nova transformação religiosa. A razão humana tem sede de mais verdades, e quer primeiro que tudo regularizar uma forma ao culto. Essa forma não é de certo a unidade, porque a unidade religiosa é a opressão, é a bulha, a fogueira, uma força estranha perturbando as nacionalidades, e forçando as consciências.

Nada de unidade de culto.

O espírito foi já muito longe para comportar a autoridade suprema da thiara. Em sua marcha para o infinito, deixou atraç esse círculo de ferro, e para novos horizontes caminha. Lutero disse: pensa! Ele levantou-se e pensou. A máquina desapareceu; o homem agora não é só fragmento social, é também uma força pensadora e productiva. Não conhece autoridades supremas, por que uma parte da autoridade universal existe em cada espírito.

Apoz a fé com pes e mãos atadas, vem a razão sem círculo nem pés.

(Continua.)

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

IV.

O MEDICO DO REI.

(Continuado de n.º 10.)

Depois de alguns instantes o rei interrompeu o silêncio.

— Pois bem, meu amigo; já que falamos à este respeito, raciocinemos também um pouco. Diz que eu já tenho desfrutado tudo neste mundo, não é assim?

— Disse, e ainda o repito, Sire.

— A guerra, por exemplo?

— E ainda o duvida V. M. depois de haver ganho a batalha de Fontenoy?

— Então acha que é um espetáculo divertido a vista de milhares de homens feitos em pedaços, e cerca de quatro leguas de comprimento e uma de largura salpicadas de sangue, e sentir-se um cheiro tal de queimado que causa medo e até faz parar o coração?

— E a glória, Sire?

— E, além de tudo isto, quem, quem ganhou a batalha? não foi o marechal de Saxe? não foi duque de Riebelieu? não foi sobre todo Perguigny que se casou quatro vezes de artilharia?

— E o que importa isso? quem afinal colheu os ouros do triumpho?

— E' esta a razão porquê supõe que não se farto de gloria? Ah! meu caro Lamartiniere, soubesse como dormi mal aquella noite de Frétey...

— Pois bem, uma vez que V. M. quer, deixemos de parte este gênero de glória e pensemos n'outro que V. M. pôde conquistar-se por meio dos pintores, dos poetas e dos historiadores.

— Lamartiniere, horrorizo-me de todos esses homens que são ou fanqueiros ainda peiores do que os meus lacaios, ou colossos de orgulho que não poderão passar nem por baixo dos arcos de triunfo erguidos à meu avô. Voltaire, por exemplo: aquelle fatuo não se lembrou um dia batendo-me no ombro, de appellidar-me Fréjane? Dizem-lhe que é elle o rei do meu reino, e o povo acredita nisto. Não quero por conseguiate a immortalidade que desses homens poderia provir-me; talvez me fosse preciso passar a mui caro neste mundo, e mesmo no outro.

— Então o que deseja V. M.?

— Desejo que a minha vida dure tanto quanto possível: desejo possuir tudo o que ambicionar; mas sem o socorro dos poetas, dos pedagogos, nem dos guerreiros a quem nunca me hei de dirigir. Nao, Lamartiniere, ouça-me bem: depois de Deus não gosto senão dos medicos, quando são bons, bem entendido.

— Com efeito, Sire!

Falle-me pois com franqueza, Lamartiniere.

— Estou às ordens de V. M.

— Que molestia devo recear?

— A apoplexia.

— E morre-se della?

— Indubitablemente, se o doente não for salvado a tempo.

— Lamartiniere, não quero que separe-se mais de mim.

— Isso é impossível, Sire: tenho os meus dentes a quem preciso ver.

— A razão é boa: mas parece-me que a minha saúde interessa à França e à Europa tanto como a de todos os seus docentes reunidos; e assim, desde hoje, a sua cama será junto da minha.

— Sire!...

— O que lhe importa dormir aqui ou além, quando se trata de tranquilizar-me com a sua presença, que aterroriza a molestia, por que a molestia lhe conhece, e sabe que não tem outro inimigo mais implacável?

Viajá por que Lamartiniere achava-se a 25 de Abril de 1774, deitado em uma pequena cama, na grande alcova de Versailles, dormindo

ainda um profundo sono às 5 horas da manhã, enquanto que o rei á muito estava accordado.

Luiz XV, que não dormia já, como dissemos, deu um profundo suspiro; e como um suspiro não tem significação positiva senão para o suspirante, Lamartiniere, que roncava em vez de suspirar, não o ouvio ou fingiu que não o tinha ouvido.

O rei vendo que o seu medico era insensível a este apello, inclinou-se sobre o leito e ao clarão de uma vela de cera que ainda ardia, contemplou o dorminhoco que estava coberto até à cabeça com os seus compridos lençóis.

— Ai!... ai!... repetiu o rei.

— Lamartiniere ouvio-o; porém como uma interjeição também ás vezes escapa-se de um homem que dorme, não pôde por isso servir de motivo para que desperte outro.

O medico portanto continuou a roncar.

— Como é feliz por poder dormir assim! murmurou Luiz XV.

Depois acrescentou:

— Como são materiaes os medicos!... E fez um esforço sobre si mesmo para esperar ainda, mas passado um quarto de hora, vendo que elle não accordava respondeu chamal-o.

— O lá! Lamartiniere!

— O que é lá isso? rosnou o medico de S. M.

— Ah! meu pobre Lamartiniere! repetiu o rei gemendo o mais lamentavelmente que pôude.

— Então o que aconteceu?

E o doutor depois de se haver espreguiçado, como um homem que tem consciencia de poder abusar de sua posição, desceu da cama.

O rei estava sentado na sua.

— Então, Sire. V. M. sofre? perguntou o medico.

— Creio que sim, meu caro Lamartiniere.

— Oh! V. M. está assustado.

— Muito assustado, é verdade.

— Porque motivo?

— Não sei.

— Pois sei eu, murmurou o medico: é porque tem medo.

— Tome-me o pulso, Lamartiniere.

— E' o que estou fazendo.

— Entendo?

— Marca oitenta e oito pulsões por minuto, o que é muito para um velho.

— Para um velho, Lamartiniere?!

— Sem dúvida.

— Mas eu só tenho sessenta e quatro annos, e nesta idade ainda ninguem é velho.

— Nem moço tão pouco.

— O que me recepta?

— O que sente V. M.?

— Parece que me sinto abafar.

— Pelo contrario, V. M. não tem senão frio.

— E estou vermelho?

— Qual ! está pallido. Quero dar um conselho, Sire.

— Qual ?

— Procure dormir um pouco que hade socegar.

— Como, se não tenho somno ?

— Explique-me então V. M. de que provem uma tal agitação.

— Oh ! Lamartiniere, pois não advinha ? então não vale a pena ser-se medico.

— Dar-se-ha que V. M. tenha tido algum sonho máo ?

— Ora graças ! foi isso mesmo.

— Por causa de um sonho ! exclamou Lamartiniere erguendo as mãos para o céo ; por causa de um sonho ! Ora conte-me V. M. o que foi que sonhou.

— Ha coisas que não se dizem, meu amigo.

— Pelo contrario, tudo se diz neste mundo.

— Ao confessor, pôde ser.

— Neste caso vou quanto antes buscar o de V. M.

— Olhe que um sonho também ás vezes é um segredo.

— Sim, e outras vezes também um remorso. Tem razão, sire, tem razão.

— E o doutor começou a aprompliar-se para sahir.

— Espere, doutor, espere, não se zangue. Sonhei... sonhei que levavam-me para Saint Denis...

— E que o carro dava máo commodo... Ora quando V. M. fizer esta viagem não se lembrará mais de semelhante cousa.

— Deixe-se de brincadeiras, que o caso é muito serio, interrompeu o rei franzindo o sobr'olho. Sonhei que levavam-me para Saint Denis, ainda vivo mettido em um caixão de veludo.

— E V. M. sentia-se incommodado nesse caixão ?

— Sim, um pouco.

— Efeitos sem duvida de difficil digestão...

— Como, se eu hontem não ceci.

— Então foi porque o estomago estava vasio.

— Seria ?

— Penso que sim : hontem a que horas separou-se da senhora condessa ?

— Ha dois dias que a não vejo.

— Pelo que vejo, fizeste-a zangar ?

— Ao contrario foi ella quem me fez. Fiz uma promessa que ainda não cumprí.

— Então apresse-se em satisfazê-la e faça por ficar contente.

— Não é possível estou abismado em tristeza.

— Ah ! uma idéa.

— Qual ?

— Almoce com o Sr. de Chatvelin.

— Almoçar ! exclamou o rei, já se passou

aquele bom tempo em que sempre eu tinha disposição.

— Então não sei o que faça, exclamou o medico cruzando os braços. Não quer mais saber dos amigos, não quer saber da amante, agora nem quer almoçar !... Pensa que eu consentirei nisso ? Sire declaro-lhe uma cousa e vem a sei que se não mudar de hábitos fica irrevogavelmente perdido.

— Lamartiniere ! o amigo me faz bocejar, a amante dormir, e o almoço me affronta.

— Então decididamente está doente.

— Ah Lamartiniere exclamou o rei, já fui por muito tempo feliz.

— E lamenta-se disto ? Eis o que são os homens.

— Não ; não me queixo do passado e sim do presente : á força de rodar, o carro gasta-se...

— E o rei deu um suspiro.

— É verdade, gasta-se, disse dogmaticamente o medico.

— De modo que as molas não trabalham mais; e eu aspiro já ao repouso.

— Pois bem, então deite-se a dormir, exclamou Lamartiniere tornando-se a deitar.

— Deixe-me continuar a minha metaphora, meu bom doutor

— Ter-me-hei organado, ou será agora V. M. poeta ? Não será esta de certo uma das melhores enfermidades...

— Pelo contrario, sabe que eu detesto os poetas. Para condescender com Mme. Pompadour, fiz do toleirão de Voltaire meu gentil-homem : mas desde o dia que elle entendeu que devia alcunhar-me de Tito ou Trajano, para mim acabou-se. Fallo agora sem poesia : quero dizer-lhe que é tempo de indireitar-me.

— Quer saber minha opinião, Sire ?

— Quero, meu amigo.

— Pois bem, não se indireite, deite-se.

— Agora não é nada bom ; murmurou Luiz XV.

— E como digo. Quando fallo ao rei trato por V. M. quando dirijo-me ao meu doente não lhe dou nem mesmo senhor ; assim deite-se que ainda temos hora e meia para dormir.

E o medico metteu-se debaixo de seus lençóis onde cinco minutos depois roncava de um modo tão expressivo que as proprias paredes da cámara Azul tremiam de indignação.

(Continua.)

O retrato.

O retrato é a copia do semblante, é a figura immovel representada sobre a tela : o retrato é a tradução do rosto.

O retrato é a imagem das feições, é a sombra colorida do semblante, é o espelho que mostra uma imagem fixa.

Serve de lenitivo e consolo o possuir o retrato da pessoa que nos deu o seu coração, ou que tem a nossa alma; parece então que nesse retrato, nessas feições que não envelhecem, nesses olhos que não se fecham, nesse semblante que não morre, nós vemos cada dia, o ente que não podíamos ver mais. Então as imagens dos nossos amigos não desaparecem da memória, como os seus corpos se consumem no tumulo.

O retrato é uma lembrança viva do ente que morreu, é a necrologia do morto escrita pelo pintor.

Beulard, o melhor florista do seculo 8º, apresentou à rainha de França em 1774 uma rosa artificial, a qual encerrava, em um botão, o retrato da sua soberana.

Zeuxis, celebre pintor grego, retratou uma velha extremamente feia, e de tal modo achou o retrato parecido com o original, que morreu de riso a olhar para elle.

Nunca foi possível tirar-se um bom retrato de Napoleão 1º, porque o olhar penetrante desse soberano distrahia os pintores.

Havia tambem um mandarim na China, que tinha tal carranca que causava riso a todo o pintor que desejava retratal-o. Que cara de mono tinha o tal filho do céo !

Camões, dando uma navalhada no rosto de uma sua imagem a que faltava certa cicatriz, exprimio-se assim :

Retrato, vós não sois meu,
Retralaram-vos mui mal.
Que ao serdes ao natural,
Foreis mosino como eu.

Indo uma senhora retratar-se começou a fazer a boca pequena, pequenina, até que o pintor aborrecido, exclamou : — Olhe, minha senhora, não se incomode ; se quer, faço-a sem boca.

Conta-se que indo a morte buscar o pintor Rafael, quando entrará na officina do artista, em lugar de uma victimia, encontrará duas, o pintor e o seu retrato, e querendo decidir-se por este, Rafael lhe disse : A mim é que vens buscar : não toques nesse Rafael, esse é imortal. É uma bella homenagem tributada pelo poeta ao genio desse celebre pintor.

Um pai desejando casar sua filha, mandou tirar-lhe o retrato, mas pediu ao pintor, que esquecendo-se do original, retralasse um rosto

formosissimo. Assim fez o artista. Apresentado o retrato a um moço, este enamorou-se da imagem, e prometeu que se casaria... já se sabe com o original.

Chegando o pretendente a casa de seu futuro sogro, lhe foi apresentada a noiva, mas o sujeito ficou horrorizado da fealdade da menina, e negou a sua palavra ; o pai esquentou-se, e então disse o noivo rindo-se : — Se V. S. quizer, eu caso-me com o retrato.

Depois que Daguerre descobriu o daguerreotype em 1839, começaram a aparecer retratos extremamente semelhantes ao original, e então foi-se tornando facil a todos o mandar tirar o seu retrato.

Hoje todos desejam retratar-se, até os feios ; e vê-se por ahi certos retratos, cujos originaes parecem ser ursos ou macacos. Isto é máo ; as crianças choram quando vêem as mascaras do Carnaval nas vidraças das lojas !

A moça formosa é quem deve retratar-se ; é bello ver reproduzida a imagem de um rosto de Venus.

O retrato da mulher bonita captiva os olhos e prende os corações. Não sou eu quem o diz, são os namorados.

Hoje tem sido aperfeiçoada por diversos processos a invenção do Daguerre ; assim a ambrotypia, emanlotypia, panotypia e cromo-ambrotypia, são nomes gregos, que indicam processos de tirar retratos semelhantes ao original, e convenientes á algibeira.

M. de Azevedo.

Capítulo dos milagres.**(Contos da meia noite.)**

Viviam em uma povoação dois irmãos, dos quais um era pintor e o outro advogado. Amavam-se com ternura e moravam juntos. Ambos eram dotados de um espirito cultivado e a maior parte das vezes as suas conversas versavam sobre assuntos serios.

Intimamente inquietavam-se pelo futuro e procuravam decifrar os seus impenetraveis misterios. — Aquelle que de nós morrer primeiro, diziam elles muitas vezes, virá visitar ao que sobreviver.

Ultimamente o pintor montou a cavallo e dirigiu-se para um arrabalde pouco distante da cidade, onde devia demorar-se até uma hora da noite.

O advogado quando entrou em casa eram 11 horas da noite. A vizinhança dormia já, tudo parecia emmudecido. Atravessou o quarto de seu irmão allumiado por um bello raio de lua, que pelas janellas entrava e ia espreguiçar-se sobre

o seu leito, e notou que estava ainda tudo silencioso. Mas olhando para o leito viu-o ocupado.

— O lâ! já veio? perguntou. Ninguem respondeu. Ele aproximou-se e viu seu irmão deitado de costas, com os olhos e a boca meio fechados, e rosto impassível, descorado, e os braços estendidos ao longo do corpo que conservava-se imóvel. Ainda uma vez chamou, e o mesmo silêncio continuou. Estendeu o braço, e tocou em uma pele fria e em uns membros intercalados.

Espantado, acendeu a vela, olhou... o leito estava vazio.

— Terei enlouquecido? pensou elle consigo mesmo; que hallucinação será esta que me endudece?

O coração batia-lhe violento, e com o espírito aterrado elle não tinha animo de deitar-se nem mesmo de ficar em casa. Resolveu-se a sair.

Apenas acabava de fechar a porta vio ao longo um grupo de pessoas que para elle se dirigia. A proporção que se aproximavam mais e mais deixavam ver um ferido, talvez, um homem inanimado, estendido, sob, e uma padiola. O advogado correu ao seu encontro.

— É meu irmão!... exclamou com voz despedaçadora.

Tentaram assustá-lo dizendo:

— Nada é, senhor; seu irmão caiu do cavalo, mas dessa queda não resultarão consequências sérias.

— E eu digo-lhes que já está morto... interrompeu o advogado procurando aproximar-se do corpo.

Com efeito já era um cadáver.

Tinha-se realizado a promessa.

O espírito dos animais.

Este título pedi emprestado a uma das obras mais espirituosas que se tem até hoje publicado sobre os animais.

É ella de Mr. Toussounel, e comprehende a historia natural com todos os attractivos do romance e toda a gravidade da philosophia. É uma obra prima.

Os antigos admiravam--se como nós da fertil intelligencia dos animais; e as numerosas legendas, de que temos notícia por seus livros, provam quanta importância davam a tão importante parte da historia natural.

Os gregos e os latinos escreveram bellissimas paginas sobre as abelhas, e particularmente sobre os cães; e hoje não ha quem lhe confiera o capítulo de Plínio sobre os golfinhos. — O

golfinho, diz elle, não gosta unicamente do homem, ou antes gosta ainda mais da musica.

O sabio escriptor chega a indicar com precisão os dois instrumentos cujo som mais a precia o peixe *dilettanti*.

Mecenas, Fabio, e Flavio Allio, homens de espirito e philosophos, citam diversas aventuras do golfinho do lago Lucrin. Entre outras reportaremos a seguinte:

O golfinho do lago Lucrin deixou-se possuir de extrema amisade por um menino que todas as vezes que ia ao collegio, seguindo de Baies para Pouzolles, costumava lançar-lhe pedaços de pão. Ao primeiro chamado do menino o peixe corria do fundo das aguas para a superficie, tomava a sua ração, e em recompensa apresentava-lhe o seu dorso, sobre o qual transportava-o até à porta do collegio.

Findas as aulas a mesma cerimonia, e isto por muitos annos.

Um dia o menino adoeceu e morreu: não o vendo mais o golfinho entristeceu-se de tal forma que afinal também morreu.

Um cão não o teria feito melhor.

E quantos prodigios não se contam dignos de admiração neste sentido? No entanto, nós os vemos e deixamos os passar desapercebidos. Entre estes pode-se citar as teias que a aranha tece, a guerra que os macacos se fazem, e mesmo o jogo de cartas em que alguns cães onsinais mostram-se peritos.

Muitos passaros tambem ha que aprendem a ler e a escrever, o que depois o fazem melhor que muita gente boa, que por ahi ha com foros de literatos.

Desses passaros dizem haver alguns que chegam até a compor typographicamente, tirando uma a uma todas as letras da caixa.

Audigier.

Os inuteis.

Se os leitores querem saber alguma cosa acerca dessa classe de individuos a quem damos o nome de *inuteis*, ouçam o que a seu respeito diz o folhetinista francez, Julio Leconte.

Muito se fala acerca dos homens *perigosos*; no entanto muito mais ha que dizer-se sobre os *inuteis*.

Os *perigosos* ou *prejudiciaes* dividem-se em duas classes: aquelles cuja vigilancia e punição acha-se a cargo da lei, e aquelles em que a lei não encontra uma ponta por onde possa pegallos, por isso que sua ação malefica não está comprehendida nos delitos qualificados no código.

Estes ultimos, que chegam até a confrontar as leis impudentemente são malfeitos, cujos vicios e erros pesam sobre a sociedade em geral. Ex-

cessivamente vaidosos, curiosos, indiscretos, traidores, ingratos e intrigantes, são os perigosos desta especie. Participam de todos os sete peccados mortais, e só no confessionario podem obter indulgência e serem perdoados.

A justiça humana pôde evitar os terríveis males que provem destes entes funestos, e o faz desmascarando e expulsando-os dos seus salões, onde na sua passagem deixaram o dolo, o abuso, e o escândalo.

Contra os prejudiciaes sempre há um recurso; mas contra os inuteis, contra esta outra peste?

Os leitores conhecem por ventura um homem inutil?

Os inuteis são homens sem defeitos nem qualidades, ternos, vagos, incolores, insípidos, que a cada passo se encontram e que para causa alguma servem. Os inuteis nem ao menos tem o mérito de serem prejudiciaes; não pôdem mesmo sé-lo.

A sociedade nada tem a esperar desta variedade, parasita da família humana. Se os interroga, se os sonda, se os estuda, sómente lhe responde um som ouco e abafado, como o écho que parte do fundo dos abysmos e nos mostra a imensidão do nada.

Sua presença enfatia, aborrece, paralisa uma sociedade, uma reunião de amigos, de litteratos. Introduzem nos salões a insipidez, esfriam a conversa mais animada, e tem o efeito da chuva quando peneira, como se diz vulgarmente.

Mal se pôde phisica e moralmente descrever este tipo tão chato, tão nullo e tão molle, que me aborreço falar nesse, que à leitora é até capaz de fazer sonno. Creio que a leitora deve conhecer alguma dessas... individualidades.

Não se pôde dizer se o inutil é velho ou moço, gordo ou magro, baixo ou alto, claro ou moreno, bonito ou feio, espirituoso ou estúpido, rico ou pobre, bom ou máo... Nada se pôde dizer a seu respeito... nada... absolutamente nada!

Existe no seio da humanidade como uma dessas obras de espírito ou de arte tão horrivelmente mediocres, que menos supportaveis ainda são do que uma reconhecidamente má.

Se os inuteis fossem alguma cousa, mesmo um pouco prejudiciaes, não importa em que sentido, seria isto uma das faces por onde poderíamos considerá-los; apresentariam então uma superficie contendo alguma cousa que merecesse talvez elogio, ou finalmente teriam um ponto de apoio, por cujo lado haveria possibilidade de atacal-los. Mas qual! em sua triste e deplorável nullidade não se lhes encontra nem mesmo um lado máo.

Parece-nos estar vendo vinte dessas... sombras passarem agora uma a uma pelo pensamento; nada indicam ser, nem mesmo feios,

nem desmiolados, nem malvados, nem prejudiciaes; não são animaes, não são causa alguma!

Conheço algumas vinte individualidades deste genero; não são homens nem mulheres: para serem homens alguma cousa de viril, de apaiçonado deyeriam representar; para serem mulheres falta-lhes a graciosa sympathia. Serão antes o hermafrodismo da esterilidade da impotencia, da inacção, da preguiça, da indolencia, da nullidade. Não podem conceber, nem podem produzir.

A mesa, para onde são convidados por necessidade, comem bem; no theatro dormem; nos bailes falta-lhes o ar e suffocam; dentro em si mesmos aborrecem-se da vida. Dos inuteis nada se pôde esperar, não tem o menor pres-timo.

Desse os leitores a ver se encontram nos inuteis alguma cousa que se pareça com vicio ou virtude, coragem ou medo: são incapazes de sentir um affecto, uma sympathia, uma dedicação, e de darem um conselho, formarem um juizo, emitirem uma opinião. Pôde ser que vivam, que respirem, mas são mui pequenos para terem qualquer aspiração.

Inuteis para todos como são os inuteis, podem por ventura ser uteis a si mesmos?

E' uma felicidade quando elles morrem.

Quando algum inutil desaparece só lhe dão pela falta os seus herdeiros, miseráveis a quem as conveniencias sociaes obrigam a deitar luto. Elles morrem e o resto da sociedade nem sente a falta que deixam.

O unico facto real, positivo e sensivel do seu desaparecimento é inteiramente phisico: pode-se comparal-o com uma gota d'água caindo constante em um formigueiro, e impedindo o previdente trabalho dos pobres insectos, ou com uma pedra afirada no meio do rio e fazendo desviar a sua livre carreira. A gota seccando, a pedra sumindo-se, os insectos e o rio continuam no seu regular andamento: assim o inutil quando morre deixa a sociedade livre de mais um empecilho.

A dama dos cravos vermelhos.

(Continuação.)

Logo que todas as criadas do palacio retiraram-se para os seus respectivos aposentos, a princesa levantou-se e tocando em um pequeno botão, quasi imperceptivel que na parede havia, fez abrir-se uma pequena porta disfarçada pelas columnatas que sustinham aquellas abobadas. Auto ella deitado sobre felpudos tapetes, estava um manequim que parecia dormir num sonno febril:

era Orso Furio, o bandido, um filho da loba romana, dessa mãe tão cansada e ao mesmo tempo tão fecunda.

Nascido no meio dos combates, envelhecido pelas dores, alma stoica, espirito ardente, apaixonado, capaz de excessos tanto no bem como no mal, o bandido era um desses homens a quem se condemna quando se admira, e que matam apaixonando. Era um desses homens que tornando-se depositarios de uma idéa marcham sem descanse, capazes de levantar o mundo, tendo a fé por ponto de apoio e o verbo por alavanca! Sobre a imaginação ardente e fraca das mulheres homens destes exercem extraordinario domínio: parece até que o destino prodigalizando para com elles os maiores sofrimentos, reserva-lhos também os mais bellos amores. Era esta a historia de Orsio Furio; tinha sofrido e também tinha amado. Associado á seita dos carbonarios seguia em sua carreira o rei cavalheresco que a Itália proclamava com a independencia, enquanto todas as vidas desviavam-se da cruz de S. Pedro para se fixarem nos copos de sua espada; correndo de campo em campo de batalha vio a grande victimá, a Itália, cair vencida e ferida na cabeça e no coração!

Quando as tropas reaes entraram em Nápoles, Furio prolongou a luta no meio da Sicília, depois nas montanhas; rodeado dos perigos e trabalhos de sua vida errante tantas vezes ferido e soffrendo, afinal escapou á vigilância dos seus inimigos refugiando-se no palacio Corregiani, que como um asilo inviolável abriu-lhe as suas portas. Ali passara dias felizes, até que contemplando-se nas armas de seus companheiros, e corando de vergonha, procurava de novo lançar-se no meio das vigílias e dos combates para com elles partilhar a mesma sorte. Perseguido pela polícia, porém, com a cabeça posta a premio, o proscripto não pensava quanto expunha de sua vida, mesmo naquelle palacio, por cada um dos beijos da princeza. Esta não o ignorava também, e por isso chorava, pedia, e seus terrores lhe eram tão caros e preciosos como as suas lagrimas. Bella, com o duplo resplendor da mocidade e da fortuna, contemplava com as mãos juntas erguidas para o céu o misero paria; era a Annunciação.

Defronte de um oratorio que se destacava com toda sua magestade daquellas frias paredes, a princeza ajoelhada, rezava, sem que o desgraçado tivesse animo de respirar um pouco mais alto, com receio de distrahir-a de suas ternas meditações. E que esta mulher levava para aquele homem um coração inteiro, a esperança no futuro e a felicidade no presente!

— Porcia! disse o bandido. Porcia! fica assim... e ouve-me!... Mas ella já o estreitava em seus braços, deixando-lhe cair sobre o rosto lagrimas caídas como as gotas de chuva antes da tempestade. Um sorriso illuminou as faces do proscripto, que lancando-lhe um olhar que a abraçava toda, parecia querer recopilar-se de todos os seus encantos. — Porcia! disse elle

ainda: extremo adeus te vou dizer... morreram as minhas esperanças; meus companheiros d'armas serão amanhã levados ao suppicio; a desgraça nos toca; eu vivia para elles, com elles devo morrer!

A princeza ouvio aquellas palavras solemnas como uma sentença, e chegando-se-lhe ainda mais, disse:

— Não falles assim; aqui não corres o menor perigo, e quero que vivas para o meu amor.

— Não ha mais do que uma esperança, e é de salvar-se o navio que preparei para sua fuga. Se não poderei salvar-se um tiro annunciar-me-ha o perigo e então farei o que me compe, irei tambem entregar-me.

— E o que me importam os teus companheiros? exclamou a princeza: o que eu quero é a tua vida, que mesmo aqui já se acha ameaçada: segue-me, fujamos! em qualquer parte para onde fôres, incontrarás o céo de tua patria no azul de meus olhos e a liberdade nos meus braços. Fojamos! a demora é a morte!

— A fuga é a infamia!

— Mas eu não quero que morras!

— E o que te importa?

— Pois não sabes que te amo?

— E tu não sabes que te odeio?

— Meu Deus! disse ella cahindo de joelhos.

— Não guardo senão um remorso, Porcia: é o de haver-te amado muito! Quando meu coração somente pulsava pela patria as balas sibilavam aos meus ouvidos e não me tocavam: eu era o espirito da justiça e da luta; ninguém podia alcançar-me, eu era multiplo; não matavam-me, eu era eterno! tinha um sacerdócio a cumprir, e só uma mulher do meu gênero, poderia comprehendêr e amar-me. Torem vi-te, ó princeza! sorriste-me e eu tremi!... A um teu aceno cahiram-me as armaduras, peça por peça: parei, sem haver chegado ao meu fim, e os nossos amores vão desaparecendo como em Junho a agua das torrentes. Quando meus irmãos cahiam feridos pelas balas, ou afogados nos mares, o que me retinha aqui? não eras tu? Quando vão perecer sobre o cadas-falso, quem me falla de fuga? ainda és tu! Oh! não procures juntar o meu desprezo ao odio: se algum dia sonhei, é tempo de despertar: quero que minha vida ou minha morte sirva de modelo ou de exemplo: todo inteiro quero pertencer á causa da liberdade e da patria, a ti, oh! nunca!

A princeza comprehendeu que esta resolução era inabalável, e nada respondeu. Combatida pela colera e a compaixão retirou-se tristemente daquella camara sombria. Desde muito tempo que chapava uma adversidade: graves suspeitas já lhe haviam atravessado o espirito como nuvens de chumbo em um céo inflamado.

Com um pensamento egoista como o sentimento que o inspirava, ella julgou que ainda era tempo de conjurar a tempestade. — A vida lhe tornarei tão bella, disse consigo mesma, que elle não mais se lamentará de viver.

(Continua.)

Revista de theatros.

(12 DE NOVEMBRO)

SUMMARIO: — S. PEDRO. — *Sineiro de S. Paulo*. — GYMNASIO. — *Feio de corpo e bonito n'alma; Os amores de um marinheiro; Luiz*.

Prometti na minha revista passada algumas considerações sobre o *Sineiro de S. Paulo*. Fiz mal; contava com mais algumas representações do drama, e enganado em minha esperança, acho-me agora com appreheções muito fugitivas para uma critica precisa e imparcial.

Desta vez realsei um proverbio... oriental creio eu: ninguém deve contar com as suas esperanças; verdade não simples que não precisava as honras de um proverbio.

As appreheções fugitivas de que fallo, tocam apenas na parte mímica do drama e do desempenho. Sobre o todo talvez possesse dizer alguma cousa.

Extraihei o annuncio do *Sineiro de S. Paulo*. Não me pareceu coerente arrancar do pô do arquivo aquelle drama, velho na fórmula e no fundo; paulado sobre os preceitos de uma escola decalhida, limpo totalmente de seu litterario.

Estamos no meio dia do seculo. A arte, como todos os elementos sociaes, tem-se apurado, e o termo em que toca, é tão avançado já, que nenhuma força conservadora, poderá fazel-a retroceder.

Nesta reprovoi inteiramente aquella exhumação. O *Sineiro de S. Paulo* pertence à adolescencia da arte; e aí hoje entra em uma Idade mais viril, e de mais serias vias.

Sem cumio litterario, sem oportunidade de gosto, o *Sineiro de S. Paulo* não podia satisfazer às necessidades do povo, nem justificava um longo estudo de desempenho.

São facéis de conceber estas asserções; e eu que as escrevo, conto com os espíritos que veem na arte, não uma carreira publica, mas uma aspiração nobre, uma iniciativa civilizadora e um culto nacional.

Tenho ainda illusões. Creio ainda que a consciencia do dever é alguma cousa; e que a fortuna publica não está só em um farto erario, mas tambem na accumulação e circulação de uma riqueza moral.

Talvez seja illusão; mas estou com o meu seculo. Considera-me isto.

Não faço aqui uma diatribe. Estou no meio termo. Não nego, não poderei negar o talento do Sr. João Cacano; seria desmentido cruelmente pelos factos.

Mas tambem não lhe calo desfeitos. Elle os tem, e devia desprender-se delles. No *Sineiro de S. Paulo*, esses defeitos se revelaram mais uma vez. Ha phrases bonitas,

scenas tocantes, mas ha em compensação verdadeiras nodoas que mal assentam na arte e no artista.

Espero segunda representação para entrar detalhadamente no exame desse drama. O que deploro desde já é a tendencia archeologica de pôr à luz da actualidade essas composições-mumias, regalo de antepassados infantes que mediam o merito dramatico de uma peça pelo numero dos abalos nervosos.

Não entro agora em considerações sobre o theatro de S. Pedro; pouco espaço me dão. As que devia fazer creio que deixo entrever nestas poucas palavras que expendi.

Amor ao trabalho e coragem de dedicação! Se não for essa uma norma de vida, aquelle tablado historico, em vez de colher louros capitolinos, ver-se-ha exposto à classificação pouco decente de hospital de Invalidos. Não lhe desejo essa posição.

Agora vamos ter ao Gymnasio, onde se deu como segunda prova do Sr. Alfredo Silva a comedia *Feio de corpo, bonito n'alma*.

Conhece esta composição, minha leitora? E' do Sr. José Romano, autor do drama *Vinte e nove*.

Escripta debaixo de um sentimento liberal, e com intenção philosophica, nem assim o Sr. José Romano conseguiu fazer uma obra completa. Advinha-se a substancia, mas a fórmula é mesquinha de mais para satisfazer a critica.

A idéa capital da comedia é revellar a belleza da alma na diformidade do corpo; Antonio é o Quasimodo, menos a figura épica; entre o ferreiro e o sineiro de *Notre Dame* ha um largo espaço; aquelle tem a verdade; este tem mais ainda, tem a grandezza.

Estas observações não servem de critica. José Romano não pretendeu fazer um Quasimodo do seu Antonio, e por consequencia o seu valor está a par de sua composição.

Ha uma cousa ainda que separa Antonio do sineiro de V. Hugo, mas que o separa realçando-o, mas que o separa levantando-o, na apreciação moral. Antonio é bonito n'alma por um sentimento de omisade, por uma confraternização de operario. Se a gratidão embelleza Quasimodo, é um pagamento de serviço, uma divida de dedicação. Antonio é pelo desinteresse que se eleva, pela fraternidade da bigorna. Avantaja-se mais.

O Sr. Alfredo foi bem no papel, apesar de tão limitadas proporções. Tinha a vencer a dificuldade de como ver depois de fazer rir: venceu-a. Moço de aspirações e de talento não desmentiu a idéa que soube fazer nascer no publico. Já lhe dirigi a minha saudação, e sancionando-a agora, protesto-lhe aqui imparcialidade severa, para laurear-lhe o merecimento ou castigar-lhe os defeitos, chronicista como sou.

O ESPELHO.

O Sr. Augusto foi artista no seu desempenho; devia ser operário, foi. As maneiras rudes do ferreiro não são de certo os modos elegantes do cavaleiro de *Maubreuil*. Sobe marcar as distâncias.

A Sra. Eugenia Camara collocada na comédia, sua especialidade, fez a adela, segundo os conhecedores do tipo, perfeitamente. Não sou do numero desses conhecedores mas posso pela tradição que tenho, sancionar a opinião geral.

O Sr. Martins no desempenho de um literato parasita, não satisfaz plenamente nem a crítica nem o público. Aconselho ao artista mais cuidado; e lombro-lhe as luvas de pelica, de que o dialogo fala a cada passo, e de que elle se esqueceu, creio. Da mesma maneira lhe lembro que o exterior com que se apresenta não está de acordo com a individualidade que reproduz.

Houve terça feira, *Os amores de um mariuheiro*, scena desempenhada pelo Sr. Montinho.

O criador de *Manuel Escotia*, desempenhou-a como sempre. Deu vida aquella pagina sentimental, com um estudo completo do carácter. Na descrição da tempestade, no lugar em que, narrando com o gesto parece que segura realmente o leme, e nos derradeiros pedaços da scena, que pronuncia chorando, mereceu bair os aplausos que lhe deram, poucos talvez na opinião da revista.

E' um artista de inspiração e estudo; tem, em dúvida uma especialidade, mas eu já fiz sentir que as especialidades são communs na arte. E depois, é devido a do Sr. Moulinho! Vejam a *Tornada*, elégia de *Manuel Escotia*!

E *Balthazar* então! Ainda hontem (1º) o lavrador do *Luz*, deu ao publico mais uma occasião de ser appreciado. E' ainda o lavrador de que falei, com o estudo dos menores gestos, de todas as inflexões. Tanto melhor! confirma a opinião da critica e do publico.

O Sr. Furtado foi hontem um digno companheiro de *Balthazar*. Teve phrases ditas com expressão; sobretudo aquelle trecho em que faz a Eliza uma vista retrospectiva da sociedade; e o outro em que desenha a *Joaquim*, a missão do sacerdote. O monólogo do 2.º acto vale bem o monólogo do *Abel e Caim*; ha como que uma identidade de situação.

O Sr. Graça e o Sr. Augusto, estiveram como sempre na altura da sua missão.

Eliza, a figura archetypa do amor e do sacrifício, não preciso dizer que achou uma intelligente interprete na Sra. Gabriella; já o fiz sentir em outra parte, onde dei parte minuciosa do seu desempenho, e onde não sei se fiz notar os finais do primeiro e segundo actos em que a criadora de *Marco*, se transfigura em phases eloquentes de amor e de paixão.

Não farei analyse mais funda. A minha profissão de

chronista está satisfeita; mas della não precisa a consciencia publica para avaliar o desempenho da *Eliza de Vallende*. Não se commenta Shakespeare, admira-se.

Terminei aqui, minha leitora. Vou amanhã (domingo) a S. Januario, e do que houver lhe darei conta na minha proxima revista.

Anuncia-se tambem no Gymnasio as *Mulheres teríveis*. E' a Odysséa da Sra. Velluti, e se a leitora ainda não viu essa linda comédia, não deve faltar a elle.

M.-az.

O desengano.

(Anacrusistica.)

Numa flor, que me enviaste,
Me mandaste teus cabellos;
Houve quem tivesse zelos
P'os cabellos, não da flor.

Innocente, eu não sabia
Que trazia a flor minossa
Uma prenda preciosa,
Tão custosa para amor.

Desde então fugi de vêr-te,
Quie a dizer-te não me inclino,
Recéios do Menino,
Que destino teve a flor,

Mas é justo que a verdade
Sem maldade aqui te diga:
Já sou velho, minha amiga,
Me fatiga o Deus de Amor.

Anonymous.

O poeta.

A MÍAS—J.

La nature est la grande lyre,
Le poète est l'archet divin!

V. Hugo.

Se julgas gentil donzella,
Que é sinal de trovador
Cantar endeixas mentidas,
E, qual volatil cantor,
Beijando todas as plantas
Aajar de flor em flor:

Se nutres tão falsa idéa,
Formosa virgem, querida,
Affasta-a do pensamento,
Deixa que a veja perdida,
Pois não quero por mais tempo
Assim te ver illudida ! . . .

O poeta ama na terra
O ideal, donde extrae
Quasi sempre o doce canto
Que se resume n'um ai ! . . .
Num ai . . . que exprime a paixão
Do peito donde elle saiu ! . . .

Saída o sol quando nasce,
Com divinal harmonia,
E quando tomba o occaso
Elle perdiendo a alegria,
Também exprime a tristeza
Em merecoria poesia ! . . .

Deyra ser o poeta
Sobre a terra idolatrado,
Pois, qual anjo, só se mostra
Quando por Deus inspirado,
Tendo no peito um mysterio,
Que nunca foi revellado ! . . .

Infeliz . . . existe ás vezes
Qual ave triste a gemer . . .
Outras vezes desce ao tumulo
Sem um amigo só ter . . .
Quasi sempre corre o mundo
Sem ter patria p'ra viver ! . . .

E canta . . . sentindo maguas
A ralar seu coração ;
E foge do mundo, altivo,
P'ra gemer na solidão,
Vibrando as cordas da lyra
Com celeste animação ! . . .

O poeta — é quasi um Deus,
A natureza animando
Com seus versos, ora alegres,
Ora tristeza inspirando . . .
E, qual o cantor soturno,
Qual cysne, morre cantando !

Abatido . . . e sempre triste,
Tem um firme pensamento,
O de amar os lindos astros
que brilham no firmamento.
Por que os astros respeitam
Seus poetas . . . seu tormento ?

Não julgues mais, inocente,
Que é sina de trovador
Cantar mentidas endeixas ! . . .
Pois não existe um amor,
Que se iguale ao que elle sente,
Tão firme . . . com tal fervor !

Assim . . . affasta essa idéa,
Meu formoso seraphim . . .
Idéas falsas não devem
Dormecer um Cherubim,
Nem deve um anjo zombar
Dos outros anjos assim ! . . .

1855.

Enleyo.

A' luz de uns olhos seductores, bellos,
Ardei em zelos, vacillei, tremi :
Nas trevas densas de um porvir remoto
Triste, ignoto, minha fé pérdi.

Ardeu-me o peito n'um vulcão de amores,
E nunca as flamas me sorriram n'alma :
No meu caminho tropecei, cahi,
E perto vi do sofrimento a palma.

Como da lenda o peregrino, errei,
E não parei no caminhar sem fim :
As primaveras, oh ! crueis morreram,
E não me dão de esperança um sim.

Amei, meu Deus ! de tanto amor descri,.
A fé perdi, desesperei, bem cedo . . .
Que vale ao pobre tanto amor no peito
Se á dor affeito até de amar tem medo !

Se aquelles olhos seductores, bellos,
Porque de zelos já penei tremente,
Não dão-me fallas de amoroso encanto
Que vale um pranto de illusões dormente ?

Se aquelles labios não me dão um sim,
Nota sem fim de apaixonado enleio,
Nada no mundo o meu desejo aquece,
Nem adormece o palpitar de um scio.

Quero rever-me nos teus olhos bellos,
E ardendo em zelos me abrazar d'amor.
Vá-me a ventura n'um sonhar tão breve
Que nem de leve crescerás, ó flor !

Chronica elegante.

Já tinha uma chronica em verso sobre modas quando recebi a noticia da chegada do Oneida: contente esperava já ter cumprido a minha missão, e eis-me na triste contingencia de repetir o que mandam-me dizer pelo paquete!

Afinal de contas como o que soube foi por um vapor, a vapor irei tambem transmittindo á bella leitora o que lhe possa interessar.

Começarei prevenindo-a de que o tal paquete nada trouxe de novo; esteril tem sido naquella parte do mundo, por excellencia innovadora, o espirito indagador de tudo quanto pôde ser elegante e apropriado aos salões.

Esperava que o meu correspondente me faria desta vez a remessa tão suspirada dos figurinos para as leitoras desta revista. Mas qual!

Uma carta sua que recebemos explica-nos esta falta:

« Meu amigo, — Paris está encapotado; os homens não largam o *surtout*, e as moças os chales e os *talmas* de cachemira ou velludo: a moda invernou, e não ha quem lhe veja a cara. Fôra por isso impossivel mandar-lhe qualquer noticia nova (bem se vê).

« O inverno em Paris corresponde quasi ao verão no Rio: usa-se aqui de fazendas de Ian quando lá deve-se começar a usar as cassas e fazendas mais ligeiras. Queria pois que lhe mandasse a descrição de um desses *tallettes*? Quanto seria ridículo ver uma patricia sua, com um tempo desses, trajar um vestido afogado, e ainda por cima dos hombros trazer um chale de Ian!

« Por esta razão não lhe mando ainda figurinos: a desculpa é valiosa e será attendida.

« Para não ficar porci com agua no bico e para não pensar que a falta provem do meu pouco zelo, quero sempre dizer-lhe mais duas palavras.

« Este nome — Znaro — já não exprime unicamente um povo, uma tradição, uma idéa de gloria; encarnou-se no *toilette*, e ahí temos os vestidos, á Znaro.

« São estes vestidos, meu amigo, os que mais aceitação tem merecido das parisienses nestes últimos dias. Podem ser de musselina, de cachemira, de velludo, de seda e de panno preto ou mesclado. A saia, quando de musselina, costuma ser ornada de babadinhos ate o seu terço superior; e, quando de fazenda mais pesada, completamente simples. O corpinho é afogado e abotoado na frente, singindo *basquine*; eu entao apresenta dois bicos, um na frente e outro atraç. Quanto a mim, se é que pôde ser valiosa tal opinião, pendo mais a favor dos *basquines*.

« Na quem use tambem já daquellas saias com o corpinho de seda.

« Os vestidos de seda, mais proprios para visitas de cerimonia, tem as saias enfeitadas com rendas de Chantilly; estas guarnições começam um palmo logo abaixo do corpinho, e vão progressivamente se alargando.

« Os chapéos são de palha, de velludo, e tambem de nobreza de côr.

« Aqui tem o meu amigo em meia duzia de linhas o que de novo ha no nosso mundo elegante. Se entender que lhe podem servir de alguma causa estes apontamentos, faça delles o uso que lhe convier. Não repare no prosaico da linguagem nem no laconismo; não sei florrear. »

Já ve a leitora que nada mais resta-me a dizer-lhe hoje.

Como penso porém que as nossas modistas devem receber pelo paquete que entrou, e que tambem já sahió, algum variado sortimento de fazendas, espero que saiam elas da alfandega, e então na proxima chronica lhe comunicarei o que houver vindo de novo.

Não se zangue a leitora comigo, a moda invernou, está encapotada, como muito bem disse o nosso correspondente.

AOS ROSSOS assignantes.

Pedimos aqui desculpa aos nossos assignantes da demora e retardamento da entrega de alguns numeros desta revista. No empenho de cumprir o nosso dever, na tarefa escabrosa de jornalista, temos empregado todos os meios de regularizarmos a nossa empreza, e um dos primeiros cuidados tem sido a boa ordem na entrega do nosso semanario. Apesar disso porém, sendo essas irregularidades inherentes ás empresas nascentes, apesar de grande esforço, continuam independentes de nossa boa vontade e dedicação.

As irregularidades não param aqui; estendem-se ainda ao numero avultado de erros typographicos. Militam aqui as mesmas razões e as mesmas desculpas devem ser acceptas pela benevolencia dos leitores.

E confiados nesta benevolencia que caminhamos cheios de fé e de vontade. Conscios da missão que nos impomos, esse cumprimento de deveres, não tem para nós, o alvo do contentamento publico, mas tambem os aplausos intimos, e a sancção da nossa consciencia.

Tir. de F. O. QUEIROZ REGADAS

Praça da Constituição n.º 9.

1859.